

Barragem subterrânea e cisterna calçadão mudam vidas de famílias do Semiárido



Seu Paulo e dona Valdete: alimentação da casa garantida

2014 foi um ano diferente na vida de dona Valdete Maria Rodrigues Tolentino e de seus três filhos: Ana Noélia, 15, Noé, 14, e André, 12. Chegaram os dias de chuva, passaram os dias de chuva, veio o tempo seco, e o esposo e pai, Paulo Lima Tolentino, não precisou se ausentar de casa no Sítio Romão, na área seca do município de Petrolina (PE), e ir trabalhar a muitos quilômetros de casa para garantir o sustento da família.

Outubro chegou ao fim e ele permaneceu na sua roça colhendo os frutos da infraestrutura hídrica que passou a dispor: uma barragem subterrânea e uma cisterna de 52 mil litros. Em 2013, nessa mesma época, era assalariado e morava sozinho em uma propriedade de área irrigada do município onde se desdobrava no manejo de culturas como uva, manga e macaxeira. A casa “ficava uma tristeza”, diz Dona Valdete.

Também em 2013, ainda sob o efeito da pior seca a se abater sobre a região Nordeste nos últimos 50 anos, as poucas chuvas frustraram as safras de milho e de feijão em praticamente tudo que é canto do Sítio Romão.

Na propriedade de seu Paulo, na área da barragem subterrânea, passou o “inverno” (período chuvoso no Nordeste), entrou o mês de agosto e dona Valdete ainda tinha uns pés de cana-de-açúcar, algumas abóboras e frutos de melancia que tirava para alimentar a família e uma parte levava para comercializar nas feiras livres. “É uma situação parecida com a que tem hoje. Aliás, hoje está melhor”.

Primeiro, além da barragem subterrânea, a família passou a dispor de uma cisterna de 52 mil litros – um benefício do Programa Brasil Sem Miséria. Além disso, precavido, seu Paulo aumentou um pouco mais a estrutura de armazenamento com a instalação de uma caixa d’água de 3 mil litros.

Depois, antevendo oportunidades de melhorar a segurança alimentar e a renda da família, juntou umas eco-

nomias, comprou uma pequena bomba elétrica, algumas centenas de metros de mangueiras e integrou essas fontes num sistema simples de irrigação para duas pequenas hortas. Deu tão certo que passou a não se ausentar da propriedade para garantir o sustento das famílias.

Agora, é um trabalho sem fim na sua terra, tratando da produção de tomate, coentro, alface, cebola, cebolinha, pimenta-de-cheiro, pimentão, beterraba, salsa, cana de açúcar, feijão, melancia, abóbora, batata doce e macaxeira. Cem plantas de uma, noventa plantas de outra, três canteiros dessa, duas colheitas daquela... Tem a que não vai bem, quando o sol esquenta muito, a que tem muita procura, a que provoca admiração: “pense numa coisa gostosa!”

E, assim, seguem seu Paulo e dona Valdete: alimentação da casa garantida e, ainda, ajudando “uns amigos que precisam”. A produção tem sido tão além do necessário para eles e os três filhos que algumas vezes por semana carregam a moto de verduras e hortaliças e saem a vender pela vizinhança do Sítio Romão. “Não tem para quem queira”. E já começam a pôr no horizonte de trabalho um mercado maior, o da feira de Rajada, a sede do distrito onde moram.

Ao longo do ano, com os ajustes e acertos no manejo dos plantios, a preocupação de ambos começou a evoluir do manejo das culturas para se concentrar em quais são as mais procuradas, as que dão um “retorno mais rápido”, ou que dão um “retorno bom”. Segundo o seu Paulo, o que tem tirado da roça “é mais do que tinha” quando ia trabalhar nas áreas de fruticultura dos perímetros irrigados de Petrolina (PE).

Dona Valdete tem fé que, agora, não vai ficar mais só com os filhos cuidando da propriedade. Seu Paulo também acha que deixou pra trás os dias de morar sozinho na companhia de apenas “dois pitbulls”. “Ô dinheiro abençoado esse das hortaliças”, diz. ♦